



Três horas de pavor. no avião

A história do voo 292

POR KENNETH MILLER

ZACHARY MASTOON achava que seu medo da morte tinha acabado. Nos últimos anos a mãe morrera de câncer e um amigo se suicidara. Ele estava na Tailândia em dezembro de 2004, quando um *tsunami* tirou mais de 200 mil vidas no sul da Ásia; por sorte, tinha ficado em outra parte do país quando as imensas ondas varreram o litoral. Por tudo isso, ele acreditava que, quando sua hora chegasse, encararia a situação com calma. Mas, assim que assistiu às reportagens sobre o voo 292 da companhia aérea Jet-Blue, seus olhos se encheram de lágrimas.

“Alguns especialistas diziam que poderia haver uma explosão, um incêndio”, lembra ele. “Outros diziam que o problema não era nada demais.” Para o DJ de 27 anos, o debate tinha um significado mais profundo: Zachary estava a bordo do avião com problemas, torcendo para conseguir voltar para a casa, no Brooklyn.

No dia 21 de setembro de 2005, uma falha mecânica num avião comercial de médio porte prendeu a atenção de milhões de pessoas ao redor do mundo. Entre elas estavam os próprios passageiros do vôo, que acompanharam as transmissões ao vivo via satélite. A perspectiva de uma aterrissagem forçada já seria assustadora o suficiente sem o estresse adicional de estar estrelando um bizarro *reality show*. Mas foi nessa situação em que se encontravam Zachary Mastoon e outras 139 pessoas.

Quase todo mundo que viaja de avião já se perguntou algum dia: o que eu faria se acontecesse algum problema? E como as outras pessoas reagiriam? Os passageiros do vôo das 15h17, que saiu de Burbank com destino a Nova York, e seus parentes e amigos em terra tiveram três longas horas para lutar com essas questões – e com o medo.

Os especialistas dizem que, diante da ameaça de desastre, cerca de 50% das pessoas conseguem se manter calmas; 25% entram em choque e permanecem alheias, e as 25%

restantes ficam histéricas. “Para alguém que já está com algum problema – um divórcio ou qualquer outra dificuldade –, a ameaça pode ser o gatilho para uma reação significativa”, informa o psicólogo Robert Scott, especialista em traumas, do Corpo de Bombeiros de Los Angeles. No entanto, diz o Dr. Don Nance, diretor do Centro de Aconselhamento e Testes da Universidade Estadual de Wichita, “não dá para prever quem vai entrar em pânico nessas situações”.

O PRIMEIRO SINAL de que algo estava errado veio cerca de 15 minutos após a decolagem, quando o piloto – um homem de voz calma chamado Scott Burke, natural da Carolina do Norte – falou aos passageiros. “Alguns de vo-

Zachary Mastoon trocou de canal: em vez do noticiário, ele assistiu a um programa de humor na TV do avião.





Christiana Lund tentou confortar a passageira que sentava à sua frente naquele vôo angustiante.

cês já devem ter percebido que estamos voando em círculos.” O trem de pouso dianteiro não se recolheu, explicou o piloto, e ele manteria todos informados à medida que fosse investigando o problema. Poucos se preocuparam, até que o avião começou a voar baixo em torno da torre de controle do Aeroporto de Long Beach, para que observadores usando binóculos pudessem ver melhor. Havia diversos carros do Corpo de Bombeiros e ambulâncias lá embaixo, perfeitamente visíveis das janelas do avião.

Algum tempo depois, uma mulher sentada na parte de trás do avião gritou: “Ei, estamos na TV!” Enquanto aguardavam que o piloto informasse o parecer da torre de comando, os passageiros começaram a assistir

aos canais de notícias. Foi assim que muitos ouviram pela primeira vez que as rodas dianteiras estavam travadas em um ângulo de 90 graus e que havia a possibilidade de o avião sair da pista se tentasse aterrissar. Alguns choravam, outros rezavam. E muitos tentavam apoiar uns aos outros.

Para Zachary, encolhido na última fileira de poltronas, a ajuda veio na forma de uma garrafa de plástico. “Beba um gole”, ofereceu o passageiro ao lado, um corretor de imóveis de uns 40 e poucos anos. “Tem álcool.” Ele conseguira entrar no avião com um litro de vodca tônica e, conforme Zachary bebia, sua coragem voltava. *Você tem duas maneiras de encarar essa situação, ele disse a si mesmo. Pode ficar apavorado ou pode dizer: “Isto está completamente fora do meu controle. Se tiver de morrer, não quero passar minhas últimas duas horas roendo as unhas e vendo o noticiário.”* Zachary tirou algumas fotos da imagem do avião na tela da TV com sua câmera digital e depois colocou no canal de humor e passou aquelas duas horas rindo.

Na parte da frente do avião, Lisa Schiff estava reagindo mal. Dona de uma galeria de arte em Los Angeles, Lisa, 34 anos, jamais tivera medo de voar. Mas, quando o piloto disse que o avião teria de fazer um pouso de emergência, ela ficou logo nervosa.

Então, em pânico, tentou ligar para a mãe pelo celular, mas não conseguiu sinal. “Eu estava louca para ouvir a voz dela”, lembra Lisa. “Escrevi uma mensagem de texto pedindo que ela não se preocupasse.” Ela digitou mensagens para outros membros da família, para amigos e colegas de trabalho, para o namorado e para um ex-namorado, embora não houvesse sinal para mandá-las. Não conseguia parar de chorar. O assento ao seu lado estava vazio, e Lisa sentia-se completamente só.

De repente, alguém tocou em seu ombro. Uma jovem de cabelos escuros, chamada Christiana Lund, sorriu para Lisa.

– Vai dar tudo certo – disse Christiana, 25 anos, aspirante a cantora que recentemente se mudara de Los Angeles para Nova York e tinha ido buscar seu gato.

– Você acha mesmo? – perguntou Lisa. – Ou só está dizendo isso para me acalmar?

Christiana garantiu que achava. “Ela estendeu os braços e simplesmente me abraçou por um certo tempo. Foi a melhor coisa do mundo.”

Christiana, na verdade, estava menos tranqüila do que parecia. “Eu não queria admitir para mim mesma o que estava acontecendo”, conta. Ela tentou acreditar no piloto quando ele garantiu que não havia muito perigo e não se impressionar com as reportagens assustadoras pela televisão. Mesmo assim, em pouco tempo estaria digitando no celular uma mensagem para a irmã mais nova: “Reze por

mim.” Embora estivesse ansiosa por informações, Christiana não conseguia assistir aos noticiários por muito tempo sem se levantar e ficar caminhando para se acalmar. Numa dessas caminhadas ela encontrou uma aeromoça, que viu a tensão em seu rosto e lhe deu um abraço caloroso. Taryn Manning, co-estrela do filme *Ritmo de um sonho*, fez o mesmo, assim como a empresária dela. Christiana voltou para seu lugar, pronta para enfrentar o que viesse.

Na fileira 22, Sam e Janel Meza estavam conversando sobre o passado. Ambos com 56 anos, casados havia 35 e com três filhos crescidos, os dois são pastores da Igreja Comunitária Esperança Viva, na cidade de Mission Hills, Califórnia. O casal cantou o Salmo 34, que contém a frase: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra.” Ao lado deles, um apavorado novaiorquino moderninho se agarrava a uma garrafa de água.

– Olhe pela janela – Janel pediu. – Você não está vendo os anjos?

O jovem olhou e sussurrou:

– Estou.

NA VERDADE, OS ANJOS que mais impressionaram Sam e Janel – e a muitos outros passageiros – foram os seis membros da tripulação. Enquanto o avião voava baixo e em círculos sobre o Pacífico, livrando-se de combustível para poder aterrissar com maior segurança, os comissários circulavam entre os passa-



Os pneus dianteiros pegaram fogo quando tocaram o chão na aterrissagem.

geiros sempre com uma piada, uma palavra amiga ou um gesto de carinho. Quando começaram a redistribuir o peso do avião, passando as bagagens de mão uns para os outros, numa espécie de corrente, Janel sentiu vontade de rezar outra vez. “Eu disse: ‘Senhor, é assim que eu quero ser, segundo a Sua vontade. Se o Senhor nos der uma oportunidade de aterrissar, é assim que queremos viver.’” Em seguida, os comissários levaram alguns dos passageiros para trás também. Lisa sentou-se ao lado de uma mulher da mesma idade que ela e que estava tão nervosa quanto ela estivera momentos antes.

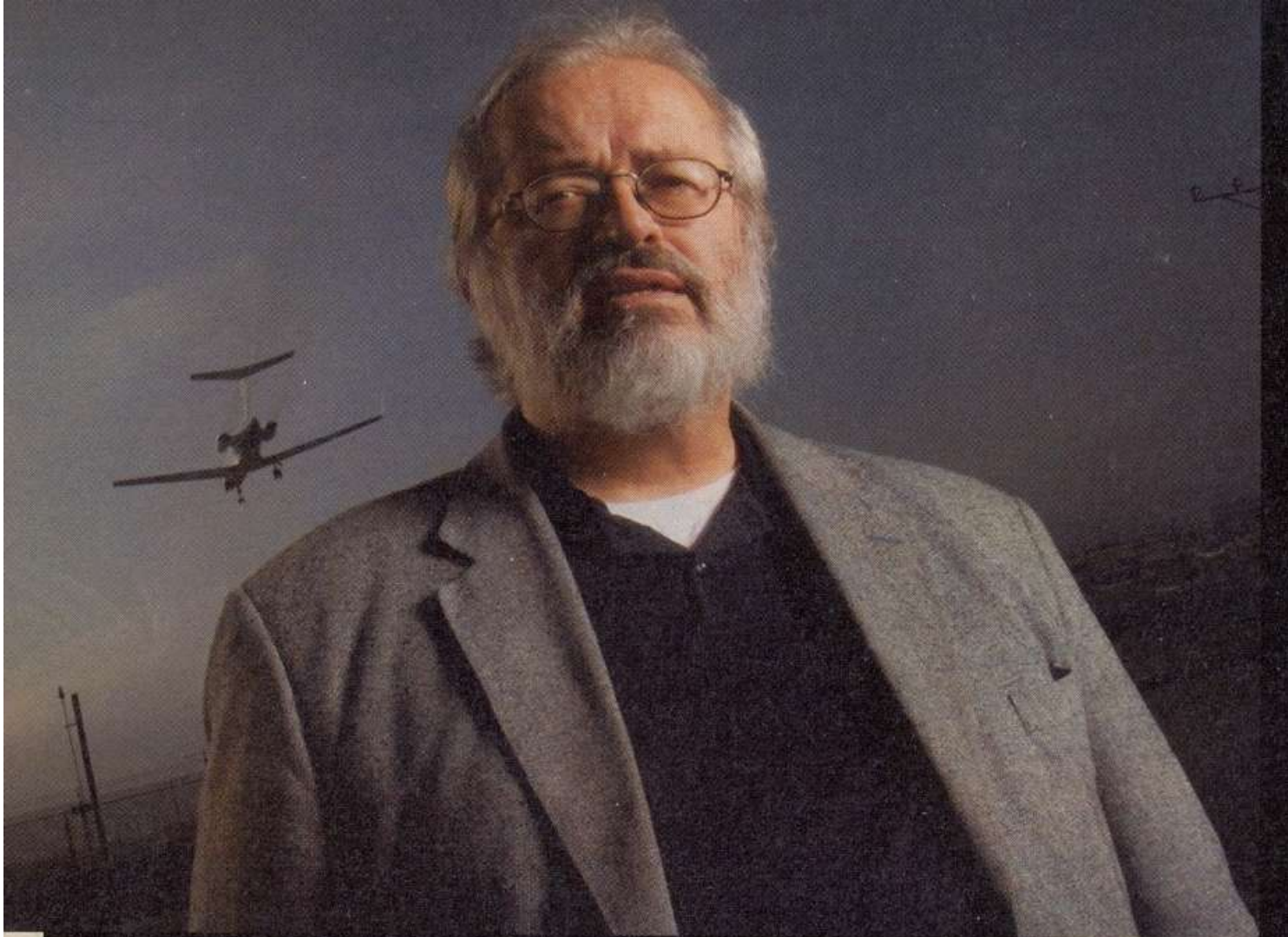
Para acalmá-la, Lisa contou de um médium com quem se consultara uma vez. “Não se preocupe, porque eu vou viver até os 84 anos; então, está todo mundo salvo”, ela comentou. E ficou segurando a mão da mulher até o final do voo.

Christiana Lund foi colocada ao lado de um casal mais velho, que

passara por um pouso de emergência 44 anos atrás. “Se conseguimos sobreviver àquele, vamos sobreviver a este”, disseram.

Lá embaixo, porém, numa rodovia de Los Angeles, o pai de Christiana estava se lembrando de algo mais triste: um avião da Alaska Airlines que caíra em janeiro de 2000, matando todos os passageiros enquanto tentava fazer uma aterrissagem de emergência no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Richard Lund, 54 anos, trabalha tirando fotos que servem de cenário para programas de TV e filmes. Ele ia para um *set* de filmagens quando ouviu no rádio do carro que o voo da filha estava com problemas.

“Pensei que queria estar perto, acontecesse o que acontecesse”, desabafou. Então, seguiu até a cidade de Costa Mesa o mais rápido que pôde, informou ao produtor que não poderia trabalhar e em seguida foi para



Richard Lund correu até o aeroporto de Los Angeles a fim de acompanhar o avião em que a filha estava. Minutos antes do pouso, ele temeu o pior.

o Aeroporto Internacional de Los Angeles, onde, segundo os repórteres, o vôo 292 logo aterrissaria.

Richard chorou enquanto desviava dos carros no trânsito, pensando em como seria a vida sem Christiana. Desesperado, ligou para o telefone da filha e deixou uma mensagem: “Chrissy, não sei se vai ouvir isso algum dia, mas só queria dizer que amo você.” Então pegou uma das saídas que davam para o aeroporto, tentando encontrar um lugar de onde pudesse assistir àquilo que seria seu pior pesadelo ou seu maior alívio.

No avião, a tripulação dera as últimas instruções de preparação para os passageiros sobre o pouso de emer-

gência. A fim de evitar ferimentos caso as escorregadeiras se inflassem, os comissários pediram às mulheres que estavam usando sapatos de salto alto que os retirassem. Pediram também que quem tivesse cartões de identificação na bagagem de mão os colocasse nos bolsos. (Eles não mencionaram que a finalidade dessa instrução era tornar mais fácil identificar qualquer cadáver, mas muitas pessoas deduziram isso sozinhas.)

Quando a descida iniciou, todos se colocaram na posição de emergência: pés no chão, cabeça entre as pernas e braços envolvendo os joelhos. Os comissários começaram a gritar: “Pousa! Pousa! Pousa!” E os

passageiros repetiam o mantra, abafando o som dos motores.

Com o carro estacionado numa rua, Richard observava o avião lá em cima; mas depois o perdeu de vista quando ele mergulhou por trás de um armazém. Durante alguns angustiantes minutos, ficou grudado no rádio para saber se iam noticiar algum desastre aéreo. Mas o piloto da JetBlue sabia exatamente o que estava fazendo. Às 18h19, Scott Burke pousou o avião nas rodas de trás e depois colocou as dianteiras no chão tão gentilmente quanto uma mãe aninhando um bebê no berço. Vinte ambulâncias e 24 carros de bombeiros estavam prontos para entrar em ação; alguns até acompanharam o avião pelos quase 4 mil metros de pista. Os pneus dianteiros queimaram em contato com o chão, enchendo o ar de fumaça, mas o trem de pouso agüentou o tranco. Quando, quase no fim da pista, o avião parou, fez-se um profundo silêncio a bordo.

Finalmente, o piloto anunciou: “Nenhum incêndio.” E todos os passageiros gritaram de alegria.

Christiana chorou pela primeira vez naquele dia. Ligou para o celular do pai e contou que estava bem. Ligou para a mãe, que se encontrava num casamento em Minnesota. E, finalmente, acessou sua caixa postal e

ouviu a mensagem de despedida que o pai deixara, mal conseguindo respirar de tanto que chorava.

Richard e Christiana se encontraram perto da esteira das bagagens e ficaram abraçados durante algum tempo. Depois se juntaram a outros passageiros perto da entrada do terminal, onde uma horda de repórteres lutava por uma declaração. Os dias seguintes foram agitados para os “sobreviventes”, que foram assediados pelos jornalistas. Eles deram entrevistas, passearam de limusine, ganharam brindes da JetBlue e voltaram para Nova York num vôo sem problemas, mas ainda assim tenso. Até que, por fim, a vida voltou ao normal.

Zachary retomou as atividades de DJ, Lisa reassumiu sua galeria, Sam e Janel voltaram para sua igreja e Christiana para suas músicas – e para seu emprego noturno de garçonete.

Até então, a investigação do quase-desastre do vôo 292 revelara aspectos impressionantes: pelo menos outros sete aviões do mesmo tipo (Airbus A320) haviam tido falhas parecidas nos últimos anos, embora todos houvessem aterrissado sem problemas.

Contudo nenhum dos passageiros do vôo 292 permaneceu o mesmo após a experiência. “Pode ser muito bom encarar a morte”, observa Lisa “...se você sobrevive a ela.”

SÓ DE GARFO

Éramos 13 irmãos. A pobreza era tão grande, que tínhamos de comer o cereal matinal com garfo, para o leite sobrar para a criança seguinte.

BERNIE MAC, African American Humor (Lawrence Hill Books)